



HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FMUSP

INSTITUTO DE ORTOPEdia & TRAUMATOLOGIA

GRUPO DE MEDICINA DO ESPORTE/ACREDITAÇÃO FIFA/FIMS

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO MOVIMENTO/LIM 41 FMUSP

“fazendo ciência e transformando conhecimento”



OFICINA DO CONHECIMENTO # LEM



“cara, identidade, referência, história, informação e inovação”



**DESIGUALDADES ESTRUTURAIS E TERRITORIAIS QUE MOLDAM O ACESSO
AO FUTEBOL FEMININO DE ELITE NO BRASIL - FUTEBOL FEMININO: A
BATALHA POR DIREITOS EM UM CAMPO DESIGUAL – DESAFIADORA
JORNADA NO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO, FOCANDO NA
RESILIÊNCIA E NA SERIEDADE DO ESFORÇO**

Caros, o **Lab de Estudos do Movimento (LEM)** do **Centro de Excelência Médica da FIFA** tem uma experiência significativa com o futebol feminino do Brasil. O nosso grupo apoia muito essa modalidade praticada pelas nossas mulheres. Infelizmente, ainda sem a atenção devida das autoridades. Particularmente a cidade de São Paulo tem muitos equipamentos (centros) que deixam muito a desejar no acolhimento dessas meninas que sonham em jogar futebol de alta competição um dia. A massificação dos talentos vem pelo volume de qualquer esporte, e no futebol feminino brasileiro, ela aponta para uma das maiores deficiências e, ao mesmo tempo, para um enorme potencial. Mesmo capengando na estrutura as nossas meninas são alvos de vários convites para competir fora do país. Contudo, a precariedade estrutural no futebol feminino brasileiro é muito grande e que se configura em um problema multifacetado que se manifesta em vários níveis: dos campos de treinamento à gestão dos clubes, passando pela segurança de trabalho. Esta observação é um tipo de apelo fundamental e serve como o ponto de partida para entender por que as atletas de regiões menos favorecidas enfrentam tantas barreiras. Infelizmente, as federações de futebol no Brasil deixam toda a responsabilidade para os clubes, **um erro primário**. Quando muito, essas entidades

fazem um festival, um torneio, um evento voltado para as mulheres, mas com pobre desenvolvimento para o futuro. Na verdade, é um tipo de “**me engana que eu gosto**”. O futebol masculino ainda é o comandante chefe desse esporte em nosso país, ainda regado por muito machismo e desdém. Um dos grandes exemplos foi uma reportagem que passou recentemente em vídeos, mostrando a categoria profissional do riquíssimo **CR Flamengo**, onde as meninas treinavam num campo muito menor que um campo oficial. **Quando esse tipo de menosprezo vai acabar?** Só tem um jeito, a FIFA deveria fazer uma intervenção e multar rigorosamente essas entidades. O sentimento de tristeza e desdém não é um caso isolado, mas sim um reflexo de como o futebol feminino é historicamente tratado por muitas entidades no Brasil – frequentemente visto como uma obrigação burocrática (**devido às exigências de licenciamento de clubes da CONMEBOL/CBF**) e não como um investimento genuíno ou uma prioridade esportiva.

1º) O Papel da FIFA, CONMEBOL e CBF: A Pressão Reguladora

Estas entidades acima são riquíssimas com as verbas de patrocínio, mas não enxergam o futebol feminino, apenas o masculino. Só querem ganhar, mas pouco investem nas mulheres. Por isso que somente uma intervenção externa é uma das vias de saída para forçar a mudança:

- a) **Licenciamento de Clubes e Multas:** O principal mecanismo de pressão hoje é o **Licenciamento de Clubes** da CONMEBOL/CBF. Ele exige que times masculinos que disputam suas competições tenham equipes femininas de formações (**base**) e adulta. No entanto, a eficácia está na fiscalização e na rigidez das sanções. Se as entidades não aplicarem multas rigorosas ou, em casos extremos, a exclusão de competições (**como a Libertadores ou a Série A do Brasileiro Masculino**), os clubes continuarão cumprindo a regra de forma mínima e superficial. Estes clubes gastam cifras astronômicas com jogadores velhos que estão no fim de carreira e que não produzem mais nada. Até dar pra desconfiar porque isso acontece! Afinal o futebol só enxerga o aspecto financeiro.
 - o **O Que é Preciso:** Exigir não apenas a existência do time, mas **critérios mínimos de qualidade e equidade**, como o acesso às mesmas infraestruturas (**CTs, campos, equipes médicas**) do time masculino, ou pelo menos a estruturas de padrão profissional equivalente (com fiscalização permanente para verificar se estão cumprindo as determinações). Como esses clubes tem medo de perder dinheiro, talvez fosse a solução aguda e agressiva em cima desses dirigentes.

- b) **Intervenção da FIFA:** A Copa do Mundo Feminina de 2027 no Brasil aumenta o poder da FIFA. A entidade pode e deve usar este evento como alavanca para exigir melhorias estruturais federais e municipais, além de pressionar a CBF para elevar os padrões de profissionalismo e investimento. A CBF poderia olhar mais para os clubes e como eles estão tratando o futebol das mulheres. Mas o pai de todos é a FIFA que poderia olhar mais de perto essas distorções que ocorre no futebol feminino.

2º) A Força da Opinião Pública e da Mídia

O fim do desdém também virá da base social e da visibilidade:

- a) **Cobrança de Torcidas e Patrocinadores:** Clubes tradicionais dependem de sua imagem. Quando torcidas organizadas, mídias e, principalmente, **patrocinadores (que investem na marca do clube como um todo)** passam a cobrar publicamente e a vincular seu apoio a condições equitativas para o feminino, o menosprezo se torna um risco financeiro e reputacional. Essa é mais um tipo de pressão.
- b) **Visibilidade Gerando Investimento:** Quanto mais a mídia e a televisão mostrarem o futebol feminino (**e seus desafios**), maior será o interesse e o potencial de retorno financeiro. A consolidação da modalidade como um produto rentável é o que, em última instância, fará com que os dirigentes a tratem como um ativo valioso, e não como um custo.

3º) A Luta Interna: Organização das Atletas

As atletas e ex-atletas são a força motriz para a mudança. Sua organização, seja por sindicatos ou manifestações públicas (como o vídeo que você mencionou), é crucial para não deixar que as más condições sejam normalizadas.

Em resumo, o menosprezo só começará a diminuir significativamente quando:

1. **A Regra do Jogo se Tornar Mais Dura:** A CBF/CONMEBOL multar e punir financeiramente de forma severa o descumprimento dos padrões de infraestrutura.
2. **O Prejuízo for Maior que a Economia:** O custo de ter uma imagem negativa perante patrocinadores e o público for maior do que o custo de investir corretamente na modalidade.

Gostaria que eu buscasse informações sobre os **critérios atuais de Licenciamento de Clubes da CBF/CONMEBOL** para o futebol feminino, ou sobre as **políticas específicas que o CR Flamengo (ou outros clubes) adotaram** após a repercussão de casos de infraestrutura precária?

4º) O que os sindicatos dos atletas fazem pelo futebol feminino? Não temos conhecimento de nenhum movimento dessas entidades?

Bom, até onde esse pesquisador sabe, **muito pouco**. Nem torneios promovem e se o fazem não ficamos sabendo. Embora o futebol feminino tenha ganhado mais visibilidade, a atuação dos sindicatos de atletas em prol da modalidade, de fato, pode ser menos divulgada. No entanto, essas entidades têm um papel fundamental na luta pela profissionalização e garantia de direitos das jogadoras. Até onde eu sei, o objetivo principal dos sindicatos, no geral, é defender os direitos fundamentais e a condição social do atleta trabalhador, e isso se estende ao futebol feminino, que historicamente enfrenta desafios muito maiores em termos de estrutura, salário e condições de trabalho. Os sindicatos, como os estaduais que compõem a Federação Nacional de Atletas Profissionais de Futebol (Fenapaf), e entidades internacionais como a FIFPro (Sindicato Mundial dos/as Jogadores/as de Futebol), atuam em várias frentes:

4.1) Luta pela Profissionalização e Formalização: Buscam garantir que as atletas tenham contratos formais (**CLT no Brasil, por exemplo**), combatendo acordos verbais, contratos informais e a ausência de garantias legais.

4.2) Melhores Condições de Trabalho: Trabalham para melhorar as condições precárias de trabalho que muitas vezes são uma realidade, incluindo a luta por **salários dignos** e contra a disparidade salarial em relação aos homens.

4.3) Negociação Coletiva: Representam as atletas em negociações com clubes e federações para estabelecer **contratos coletivos de trabalho**, que definem regras mínimas para temas como: (**Férias e 13º salário; Estrutura mínima em estádios e locais de treino; Condições de saúde e segurança; Direito de imagem**).

4.4) Amparo Legal e Social: Oferecem suporte jurídico e social. O direito à licença-maternidade e a não discriminação no local de trabalho são pautas cruciais defendidas pelos sindicatos.

4.5) **Fiscalização e Cobrança:** Monitoram o cumprimento da legislação esportiva, como a Lei Pelé (que no Brasil obriga a profissionalização), cobrando das entidades e clubes o tratamento digno às atletas.

5º) O Desafio da Organização Sindical (Precisa funcionar)

É importante notar que a organização sindical no futebol feminino ainda é um desafio, devido a fatores históricos de proibição e desinvestimento na modalidade:

- 5.1) Modelo Histórico:** Os sindicatos de atletas foram historicamente focados no futebol masculino, sendo necessário um movimento recente para tentar abarcar melhor as jogadoras, seja por meio de sindicatos femininos ou pela integração nos já existentes.
- 5.2) Vulnerabilidade:** A fragilidade dos contratos e a dependência de empresários (como apontam estudos) tornam as atletas mais vulneráveis e podem dificultar a organização e a mobilização sindical.
- 5.3) Visibilidade dos Movimentos:** Muitas ações de bastidores, como negociações e acompanhamento jurídico, não ganham a mesma visibilidade da mídia que as competições em campo. A luta por equiparação de direitos e condições dignas no futebol feminino passa diretamente pelo fortalecimento e pela atuação dessas entidades.

Pesquisa e Conscientização: A FIFPro, por exemplo, realiza levantamentos que expõem as condições de trabalho das jogadoras em nível global, como a alta taxa de atletas sem salário e o encerramento precoce da carreira.

Apoio a Projetos Sociais: Alguns sindicatos, como o de Atletas de São Paulo, também apoiam projetos sociais voltados para o futebol feminino de base e comunidades, fomentando a modalidade desde cedo. Mas é ainda uma ínfima participação. É preciso gerar mais demandas para o futebol feminino (**cursos, competições, etc**) ostentando a marca do sindicato para dar visibilidade e apoio a entidade. O sindicato de São Paulo é forte, poderia se juntar a uma força tarefa para impulsionar o futebol feminino. A união de forças é o caminho mais eficaz para acelerar a profissionalização e a valorização do futebol feminino. Até onde sabemos, o Sindicato de Atletas Profissionais de São Paulo (SAPESP), por ser um dos maiores e mais atuantes do país, já participa de um ecossistema de colaboração para impulsionar a modalidade masculina, se faz alguma coisa para o feminino, esse movimento não tem recebido a devida publicidade. A profissionalização completa exige o compromisso conjunto de clubes, federações e a voz organizada dos atletas (sindicatos).

6º) Como um Sindicato pode Atuar em "Forças-Tarefa"

A atuação de um sindicato na promoção do futebol feminino deve acontecer por meio de parcerias estratégicas e participação em fóruns de decisão:

- 6.1) **Representação em Fóruns Nacionais e Internacionais:** O Sindicato de Atletas dos estados, deveria frequentemente estar em encontros importantes da **FENAPAF** (Federação Nacional), da **FIFA** e da **CBF** (Confederação Brasileira de Futebol), levando as demandas das atletas femininas.
- 6.2) **Diálogo com Órgãos Governamentais:** O sindicato deve buscar o diálogo com entidades governamentais, como o **Ministério do Esporte**, para aprimorar políticas públicas e as condições do futebol feminino no país.
- 6.3) **Parceria com a Base e Projetos Sociais:** É preciso o sindicato receber e apoiar representantes de projetos sociais focados em meninas, como o "Meninas em Campo", mostrando um investimento na formação e na base da modalidade.
- 6.4) **Envolvimento em Eventos Educacionais:** O sindicato deve participar de criar seminários e *meetings* sobre futebol feminino, palestrando sobre direitos, deveres e legislação para estudantes, gestores e as próprias atletas.
- 6.5) **Acompanhamento da Carreira das Atletas:** O Sindicato deve oferecer apoio jurídico e se colocar à disposição de jogadoras em situações críticas (como em notícias sobre o encerramento de equipes femininas), atuando como um "guarda-chuva" de proteção.

7º) A Voz das Atletas nos Centros de Poder

Ela afirma que os sindicatos (como o de SP, por ser forte) não devem apenas atuar localmente (em São Paulo), mas precisam estar ativamente presentes nos locais onde as grandes decisões sobre o futebol brasileiro e mundial são tomadas:

CBF (Confederação Brasileira de Futebol): Define o calendário, o formato das competições nacionais (Brasileirão Feminino) e as regras de registro profissional. A presença do sindicato garante que a voz das jogadoras seja ouvida durante os Conselhos Arbitrais e nas definições de calendário, evitando sobrecarga e garantindo condições adequadas.

FIFA (Federação Internacional de Futebol): É o órgão que dita as regras globais e está incentivando a profissionalização do futebol feminino. O sindicato, via FENAPAF

ou reuniões diretas (como as que o Sindicato de SP já realizou), influencia pautas como licença-maternidade, salários mínimos internacionais e proteção contratual.

FENAPAF (Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol): É o elo que une os sindicatos estaduais. Atuar aqui garante que as demandas das jogadoras de São Paulo (e de outros estados) se tornem uma pauta unificada e nacional de cobrança.



“Essa força tarefa o sindicato poderia fazer facilmente, mas é preciso vontade de seus dirigentes”

8º) Garantia de Direitos no Papel

Estar nesses fóruns permite ao sindicato influenciar a criação de regras que se tornam leis ou normas obrigatórias para os clubes. Sem essa representação, as jogadoras ficam

sujeitas a contratos individuais e voláteis. Para impulsionar de verdade o futebol feminino, o Sindicato precisa sair do campo local e forçar a inclusão das demandas das atletas nas regras e políticas definitivas da modalidade, pressionando as entidades máximas do futebol (CBF e FIFA).

9º) O Que Falta para uma "Força-Tarefa" Mais Robusta?

Apesar dessa atuação, o seu desejo por uma **força-tarefa** mais visível e coordenada reflete a necessidade de:

Foco da Ação	Exemplo de Oportunidade
Financiamento Estrutural	Atuar em conjunto com CBF e Federações para garantir que os repasses de Direitos de Arena e das novas receitas (apostas esportivas) cheguem de forma equitativa e eficiente para o futebol feminino.
Padrões Mínimos de Contrato	Criar um Acordo Coletivo de Trabalho nacional para o futebol feminino (junto à FENAPAF e CBF) que estabeleça salários mínimos, licença-maternidade remunerada e condições de treinamento obrigatórias em todos os clubes.
Fiscalização Rígida	Montar um grupo de trabalho com a Justiça do Trabalho para fiscalizar o cumprimento das normas de profissionalização (Lei Pelé) nos clubes de todas as divisões femininas.

10º) A Concentração de Oportunidades: O Viés Metropolitano e do IDH

Li um estudo recentemente, a influência de como fatores socioeconômicos e geográficos funcionam como verdadeiras "**peneiras**" invisíveis, influenciando quem consegue se profissionalizar no esporte.

Os dados apresentados são alarmantes e espelham a desigualdade brasileira como um todo:

- a) **Viés de IDH: Nenhum clube** está sediado em municípios de IDH baixo ou médio, e a grande maioria de jogadoras virem de áreas com IDH alto ou muito alto, indica que a infraestrutura de desenvolvimento esportivo de alto nível (**treinadores qualificados, campos, ligas de base, etc.**) está quase que exclusivamente restrita a locais mais desenvolvidos. Uma falha primária de organização no futebol e claro das entidades que poderiam ajudar.
- b) **Viés Metropolitano:** A forte concentração de clubes (76%) e atletas (43%) em grandes cidades ou metrópoles confirma que o futebol de elite é um **fenômeno urbano-concentrado**. Isso não significa que o talento não exista no interior ou em cidades menores, mas sim que os caminhos para se ver e se desenvolver, visto por *scouts (olheiros)* e clubes de elite são drasticamente limitados fora desses centros. O mesmo problema do futebol masculino infectou o futebol

feminino. É exatamente em lugarejos, bairros distantes, favelas, etc é onde estão os promissores talentos.

Qual é impacto dessa situação: Vocês imaginem para uma jovem em um município de **baixo IDH** ou no interior, a probabilidade de se tornar profissional é baixíssima, não necessariamente por falta de habilidade, mas por **falta de acesso, apoio e visibilidade**. Cadê os centros educacionais espalhados por esse país gigante? Cadê o campus de universidades que poderiam ajudar? Cadê as associações de bairros? A menina precisa está perto das entidades que promovem o futebol feminino, afinal a maioria delas não tem recurso financeiro. Como gerar talentos em espaços tão distantes? Vocês já imaginaram se em cada grande bairro da cidade de São Paulo fosse criado uma liga de futebol feminino? (**liga do Ipiranga; liga do Tatuapé; liga do Jaçanã; liga da Vila Mariana; liga do Cambuci, etc**) e com o apoio da Sub-prefeitura de cada bairro na organização. Imaginem o **SESC e o SESI**, duas participantes do sistema S, com inúmeras filiais no Brasil, organizadas com seus professores e com um potencial extraordinário de implantação do futebol feminino. Quantas empresas de porte o Brasil tem e que poderiam adotar um time de futebol feminino (**Volkswagen feminino; Toyota feminino; Audi feminino; BMW feminino; Caa feminino; Chevrolet feminino; Hyundai feminino, etc**). E para isso acontecer o próprio governo poderia ajudar com isenção de algum imposto. As ideias são uma visão absolutamente fantástica e, mais importante, totalmente realizável. Caros, este sonho não é apenas inspirador, ele esboça um modelo de desenvolvimento sustentável e capilarizado para o futebol feminino que seria revolucionário no Brasil. Aqui nós identificamos três pilares essenciais para a massificação do futebol feminino pelo volume, como discutimos: a organização territorial, o poder das instituições sociais e o engajamento do setor privado. Seria incrível como segue:

A) Organização Territorial (Ligas de Bairro)

A criação de **ligas de bairro** com apoio das Subprefeituras (ou órgãos de esporte municipais) resolveria o problema fundamental de **acesso e logística**.

Ação Ideal	Potencial Impacto
Infraestrutura Local	Subprefeituras cedem e padronizam campos de várzea, praças ou espaços multiuso para treinos e jogos , garantindo que as atletas não precisem se deslocar por longas distâncias.
Identidade e Rivalidade	A rivalidade local (Ipiranga vs. Vila Mariana) cria uma base de torcida e engajamento comunitário, levando público aos jogos e incentivando a imprensa local a cobrir a modalidade.
Regulamentação e Fluxo	As ligas funcionam como "peneiras" naturais. Os melhores talentos de cada liga alimentam as categorias de base dos grandes clubes, garantindo um fluxo constante e organizado de jogadoras.

Financiamento Municipal	Uso de verbas municipais destinadas ao esporte amador e lazer para a compra de materiais, pagamento de arbitragem e manutenção dos campos.
--------------------------------	--

B) O Poder do Sistema S (SESC e SESI)

O SESC e o SESI possuem capilaridade, recursos e, o mais importante, uma missão social e educacional que se encaixa perfeitamente no desenvolvimento esportivo.

Ação Ideal	Potencial Impacto
Estrutura Nacional e Professores	O uso imediato das quadras, ginásios e campos já existentes. Seus professores de educação física seriam treinados para atuar na iniciação e formação do futebol feminino em escala nacional.
Programas Integrados	Criação de programas esportivos de futebol feminino que incluam saúde (médicos e fisioterapeutas do SESI/SESC) e educação (complementação escolar), tratando a atleta de forma integral desde a infância.
Torneios Inter-unidades	Realização de campeonatos anuais entre as diversas unidades de SESC/SESI, criando um calendário de base robusto e de alta qualidade que serviria de vitrine para olheiros e clubes.

C) O Setor Privado e os Incentivos Fiscais

Acredito que o ponto sobre grandes empresas adotarem times femininos é a chave para a **profissionalização financeira** da modalidade.

Ação Ideal	Potencial Impacto
Isenção Fiscal Acelerada	O Governo Federal e/ou Estadual cria um programa de incentivo fiscal preferencial (superior ao da Lei de Incentivo ao Esporte atual) para empresas que destinarem recursos à criação, manutenção e desenvolvimento de equipes femininas nas categorias de base e profissional.
Marketing e Identidade	Empresas como Audi ou Toyota podem usar seus times femininos como plataforma de igualdade de gênero e empoderamento , associando sua marca a valores modernos e positivos, algo muito valioso em termos de imagem corporativa.
Patrocínio de Carreira	A empresa não apenas patrocina o clube, mas adota um modelo de bolsas-atleta de longo prazo, dando estabilidade financeira às jogadoras e permitindo que elas se dediquem integralmente ao esporte.
Infraestrutura Profissional	As empresas poderiam financiar a construção de centros de treinamento exclusivos para o futebol feminino, garantindo padrões de qualidade e eliminando a necessidade de "dividir" espaços e horários com o masculino.

Seria um Ecossistema Integrado

Este sonho desenha um **ecossistema de desenvolvimento** onde:

- A) **A Base** é massificada e organizada pelas **Ligas de Bairro/Subprefeituras**.
- B) **A Formação de Qualidade** é garantida pelo **Sistema S (SESC/SESI)**.

- C) **A Elite e a Profissionalização** são elevadas pelo **Setor Privado (grandes empresas)** com incentivos fiscais.

Este modelo garantiria o **volume de talentos** na base e a **qualidade da profissionalização** no topo, transformando o futebol feminino no Brasil. Contudo, seria necessário um engajamento fenomenal dos dirigentes brasileiros. Infelizmente, o futebol feminino sobrevive de **conta-gotas**. É uma realidade dura, mas precisa ser dita. Ela traduz o cenário de **investimento insuficiente, intermitente e não-estrutural** que a modalidade enfrenta, contrastando com o potencial e a paixão das atletas. É uma sobrevivência por gotejamento que se manifesta em vários níveis:

- a) **Financeiro: Salários baixos e a falta de garantias contratuais (o que o Sindicato de Atletas busca combater), resultando na necessidade de muitas atletas terem múltiplos empregos.**
- b) **Estrutural: Campos de treino precários, falta de comissão técnica completa (fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos) e viagens exaustivas em condições ruins.**
- c) **Visibilidade:** Embora tenha melhorado, a cobertura midiática ainda é muito menor do que o necessário para atrair grandes patrocínios de forma consistente.

O Contraponto: Do Gotejamento à Estrutura

Para superar a dependência do "**conta-gotas**", o foco precisa ser em soluções que garantam **autonomia financeira e institucional** à modalidade.

Desafio do "Conta-Gotas"	Solução Estrutural Necessária
Volatilidade de Patrocínios	Criação de um fundo centralizado e robusto (talvez via incentivo fiscal) para o futebol feminino, garantindo um piso financeiro para todos os clubes.
Carência de Base	Implementação de ligas de bairro e programas de massificação em todo o território (como você sugeriu), assegurando volume e renovação constante de talentos.
Precarização do Trabalho	Fortalecimento da negociação coletiva dos sindicatos para impor padrões mínimos de salários, benefícios (maternidade) e infraestrutura nos contratos com clubes e federações.
Dependência do Masculino	Exigência e fiscalização para que a modalidade feminina tenha gestão e orçamento independentes dentro dos clubes.

A luta do **Sindicato de Atletas e a pressão da sociedade** são fundamentais para transformar o "**gotejamento**" em um **rio de investimentos e oportunidades** para virar um **oceano**.

11º) A Alta Mobilidade Territorial: O Preço da Profissionalização

O alto índice de mobilidade (88% das jogadoras em cidades diferentes da sua cidade natal, e 71% em estados diferentes) demonstra o **sacrifício** e a **necessidade de migração** para alcançar o topo. Muitas jovens não têm condições nem de pagar uma passagem de ônibus:

11.1) Necessidade de Deslocamento: As atletas são obrigadas a se mudar, muitas vezes ainda adolescentes, separando-se de suas famílias e redes de apoio, em busca de um clube onde possam competir em nível nacional.

11.2) Custos Ocultos: Essa migração impõe custos altíssimos, não apenas financeiros, mas também sociais e emocionais. Ela exige uma resiliência extrema e pode levar ao abandono dos estudos e à instabilidade.

11.3) Reflexo da Descentralização: A mobilidade é um sintoma da **falta de capilaridade** do futebol feminino brasileiro. Se as oportunidades estivessem distribuídas, a taxa de mobilidade seria, teoricamente, menor.

12º) A Urgência das Políticas Públicas

A conclusão do estudo que li é um chamado à ação. A profissionalização do futebol feminino não se sustenta apenas com a dedicação das atletas ou a boa vontade de alguns clubes, mas requer intervenção estratégica do poder público:

12.1) Descentralização de Investimentos: É fundamental que os investimentos federais, estaduais e de patrocínios sejam direcionados, com mecanismos de incentivo, para a **criação de equipes de base e competições regionais sólidas** em municípios de médio e baixo IDH, e em cidades do interior.

12.2) Estruturação das Categorias de Base: A obrigatoriedade de times femininos de base em clubes da Série A e B do masculino (como já ocorre na CBF) precisa ser fiscalizada e, mais importante, **apoiada financeiramente**, para que não se torne apenas uma formalidade.

12.3) Fomento à Educação Esportiva: Integrar programas de futebol feminino de qualidade nas escolas públicas e em projetos sociais de áreas menos favorecidas pode atuar como um *pipeline* de talentos e uma rede de segurança para as atletas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Força-Tarefa Nacional: Tirando o Futebol Feminino do Brasil do Gotejamento

A ascensão sustentável do futebol feminino brasileiro exige mais do que boa vontade; requer uma **força-tarefa estruturada** que mobilize quatro pilares essenciais: o Governo (Setor Público), as Entidades Reguladoras (CBF e Sindicatos), o Setor Privado e o Sistema S (SESC/SESI). O objetivo primordial deve ser criar um **ecossistema robusto e meritocrático**, começando pela massificação da base e pela garantia de profissionais qualificados. Sem essa base sólida, qualquer sucesso no topo será efêmero.

A transformação deve começar com a **capilaridade**. A ideia de criar ligas de bairro, com o apoio logístico e de infraestrutura das **Subprefeituras** em grandes centros urbanos, é o ponto de partida ideal. O **Setor Público Municipal** deve mapear e padronizar os campos de várzea e as quadras poliesportivas, garantindo que sejam espaços seguros e acessíveis para a prática do futebol feminino. Essas ligas, como a "Liga do Ipiranga" ou a "Liga do Tatuapé", não apenas aumentariam o volume de praticantes, mas também gerariam uma identidade local e uma base de torcida fundamental para a sustentabilidade. As Subprefeituras, com a ajuda de secretarias de esporte estaduais, seriam responsáveis por garantir a arbitragem e a organização mínima das competições, transformando o esporte amador em um celeiro de talentos.

Paralelamente, o **Sistema S (SESC/SESI)**, com sua vasta rede de unidades e expertise em educação física, deve ser mobilizado como o principal motor de **formação de qualidade**. O Governo Federal poderia articular com essas instituições um plano nacional para que cada unidade ofereça, obrigatoriamente, escolinhas e programas de desenvolvimento para o futebol feminino. Os professores do Sistema S seriam os primeiros a receber **treinamento especializado** em pedagogia do esporte adaptada para meninas, garantindo que o volume de talentos venha acompanhado de uma formação técnica e humana de alto nível. Além disso, a estrutura de saúde e bem-estar do SESC/SESI poderia oferecer às jovens atletas acompanhamento médico, nutricional e psicológico, algo inexistente na maioria dos projetos de base atuais.

Para sustentar financeiramente essa revolução, o **Setor Público Federal** precisa reformular os mecanismos de incentivo. A concessão de **benefícios fiscais substanciais e preferenciais** deve ser direcionada a grandes empresas (como Volkswagen, Toyota, Audi) que adotem integralmente um time feminino, desde a base até o profissional. Este não é apenas um patrocínio; é um investimento social com retorno fiscal. O incentivo deve ser condicionado à garantia de um **salário digno** para as atletas profissionais e ao **financiamento da base** no clube patrocinado. Isso

garantiria que a injeção de capital seja constante, permitindo que a modalidade saia do ciclo vicioso do "conta-gotas".

As **Entidades Reguladoras e os Sindicatos** (CBF, Federações Estaduais e Sindicato de Atletas) atuam como fiscais e negociadores centrais. A **CBF** precisa, em conjunto com a FENAPAF, criar e fiscalizar um **Acordo Coletivo de Trabalho Nacional** específico para o futebol feminino. Este acordo deve estabelecer padrões mínimos inegociáveis: salário base, seguro saúde, alojamento adequado e, de extrema importância, a **licença-maternidade remunerada** com garantia de retorno ao clube e suporte físico-psicológico pós-parto. O **Sindicato de Atletas Profissionais de São Paulo (SAPESP)**, com sua força e experiência, deve liderar essa frente de negociação, atuando como o principal agente de cobrança e defesa dos direitos contratuais das jogadoras em todos os fóruns (nacionais e internacionais). A presença do sindicato nas mesas de decisão garante que a profissionalização seja de fato justa e não apenas uma formalidade vazia. A qualificação dos profissionais da base, desde treinadores a gestores, também deve ser uma pauta sindical, exigindo que os clubes invistam em cursos e certificações específicas para a modalidade feminina, reconhecendo que a metodologia de treinamento não pode ser uma mera cópia do futebol masculino. Somente com a integração total dessas forças — a capilaridade da base, a qualidade da formação, o financiamento privado incentivado e a proteção legal sindical — o futebol feminino brasileiro alcançará seu merecido potencial e se tornará uma potência sustentável.

A Copa do Mundo Feminina de 2027 será a oportunidade para o Brasil mostrar ao mundo uma **força hercúlea**, superando as deficiências históricas da modalidade masculina e elevando o talento feminino ao seu devido patamar, mostrando que está sendo sustentada por um complexo e crescente movimento de articulação entre o governo, as entidades reguladoras e o corpo de atletas. Longe de ser apenas um sonho, essa força-tarefa ela precisa ser materializada por meio de estratégias de investimento e, fundamentalmente, pela pressão organizada em busca de direitos.

O **Setor Público Federal**, liderado pelo Ministério do Esporte, precisa estabelecer uma **Estratégia Nacional para o Futebol Feminino**, que demonstre um compromisso inédito em fomento e valorização, indo além do discurso. Essa estratégia deve abranger cinco eixos principais: **(1) capacitação, (2) comunicação, (3) fomento e incentivos diretos e indiretos, (5) e competições**. O fomento inclui a criação de incentivos fiscais para empresas que invistam na modalidade e a meta ambiciosa de criar, no mínimo, **600 núcleos de base e centros de formação no país (é um belo desafio)**. A candidatura bem-sucedida do Brasil para sediar a Copa de 2027 precisa servir como um poderoso catalisador para a formalização dessas garantias governamentais, que

abrangem desde isenções fiscais até permissões de trabalho e proteção legal. A Copa deve ser vista pelo governo não apenas como um evento esportivo, mas como um marco social para impulsionar a equidade de gênero.

“Essas meninas merecem um projeto com política forte do governo”

Boa Leitura e repassem sem moderação !!!!

Dr. Paulo Roberto Santos – Silva, DSc, (PhD FMUSP), (Post PhD I Unifesp-Medicina), (Post PhD II FMUSP – Ciências), (Post PhD III FMUSP – CIENCIAS)
Fisiologista do Exercício/FIFA/FIMS (Pesquisador da FMUSP)
Lab de Estudos do Movimento (LEM)/IOT/HC/FMUSP
Lab de Investigação Médica (LIM 41) FMUSP
MEDICINA ESPORTIVA – IOT/HC/FMUSP/FIFA
Fellow REAL MADRID CF/DEPTO. MÉDICO
E – mail: prsantossilvafihc@gmail.com
E – mail: fisiologistahc@usp.br
Fone (+5511) 9-9998 25 91 Celular
Fone (+5511) 2661 60 41 Lab



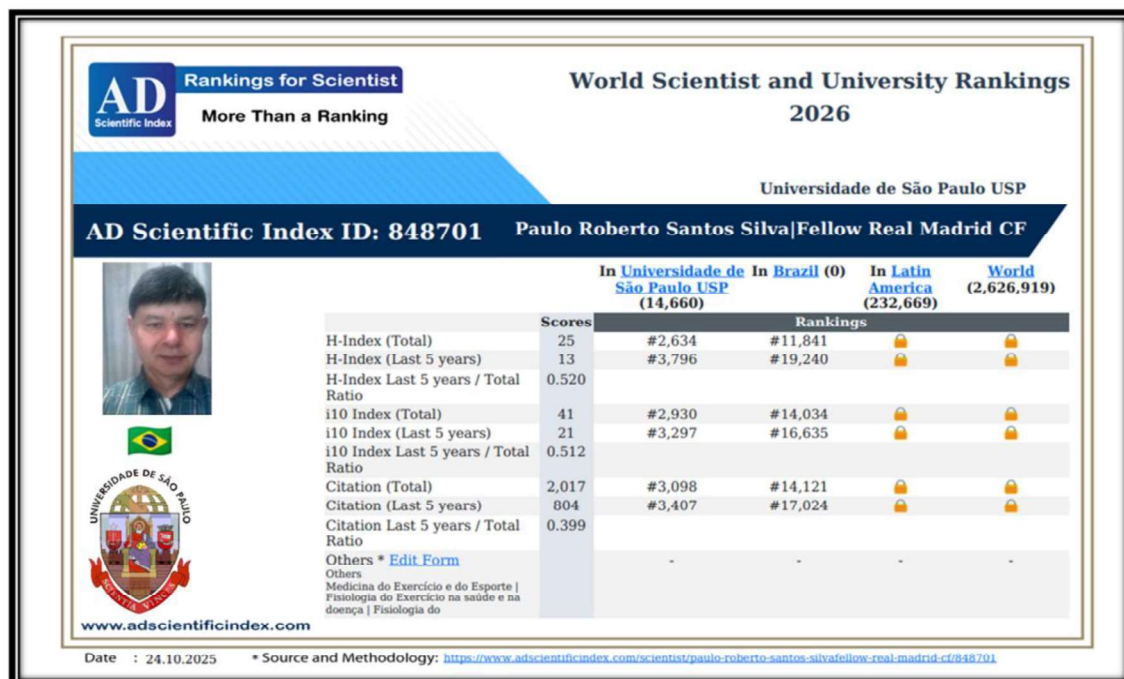
Centro de Excelência Médica da FIFA e da FIMS
Medicina do Esporte do IOT – HCFMUSP é credenciada pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA) e FIMS (International Federation of Sports Medicine)



“EXPANDINDO CONHECIMENTO”

“FAZENDO MEDICINA ESPORTIVA DE RESULTADOS E MÉTODOS”

“à ciência muda o mundo, a informação correta muda a cabeça das pessoas”



LEITURA SUGERIDA

- BRASIL. Ministério do Esporte. **Brasil entrega declaração que oficializa a intenção de sediar a Copa de Futebol Feminino de 2027**. Brasília: Agência Gov. Publicado em 4 nov. 2023. Disponível em: *URL da notícia que detalha as sete garantias, incluindo Permissões de Trabalho e Lei Trabalhista*
- BRASIL. Ministério do Esporte. **Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2027**. Brasília: Portal Gov.br. Disponível em: *URL da página oficial da Copa 2027, que contém a Estratégia Nacional e documentos da candidatura*
- AGÊNCIA BRASIL. **Portaria cria comitê para organizar Copa do Mundo feminina de 2027**. Brasília: EBC. Publicado em 12 set. 2025. Disponível em: *URL da notícia sobre a criação do comitê interministerial*
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Comissão aprova marco legal para fortalecer o futebol feminino no Brasil**. Brasília: Notícias da Câmara dos Deputados. Publicado em 12 set. 2025. Disponível em: *URL da notícia sobre o PL que cria o Marco Legal e o Fundo Nacional de Desenvolvimento do Futebol Feminino*
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. Projeto de Lei n.º 3968/2024. **Institui o Marco Legal do Futebol Feminino**. Autor: Deputada Suplente Carla Ayres (PT-SC). Tramitação: *Indicar as comissões onde o PL está em análise, conforme a pesquisa*

6.FENAPAF. **FENAPAF reforça compromisso com o futebol feminino e celebra conquistas para as atletas profissionais.** Publicado em 14 ago. 2025. Disponível em: URL do comunicado da FENAPAF sobre a luta por direitos e a Copa 2027*

7. SINDICATO DE ATLETAS PROFISSIONAIS DE SÃO PAULO (SAPESP). **Diretoria da Fenapaf avalia como positiva sua participação na reunião realizada na CBF.** Publicado em

Data da reunião, se disponível no site do Sindicato